



Uma arma chamada estupro

Defensora pública ucraniana acusa soldados russos de violentarem 25 garotas e mulheres entre 14 e 24 anos, em porão da cidade de Bucha. Nove ficaram grávidas. Procurador do Tribunal Penal Internacional compara a Ucrânia a uma “cena de crime”

Anatoliy Fedoruk, prefeito de Bucha, a 15km de Kiev, preferiu o silêncio, ao ser questionado pelo **Correio** sobre as denúncias feitas pela defensora pública da Ucrânia, Lyudmila Denisova. “Por esse tema ser muito difícil para as vítimas e suas famílias, eu me absteei de comentar, com a sua permissão”, afirmou ele, por meio do WhatsApp, no início da tarde de ontem. “Cerca de 25 garotas e mulheres com idades entre 14 e 24 anos foram sistematicamente estupradas durante a ocupação russa, dentro de um porão de uma casa, em Bucha, durante um mês. Nove delas estão grávidas”, contou a defensora pública à emissora britânica BBC. “Os militares russos disseram que as violentariam de uma forma que elas jamais iriam querer contato sexual com outro homem, a fim de preveni-las de terem crianças ucranianas.”

Em um vilarejo situado 50km a oeste de Kiev, soldados russos invadiram uma casa e executaram um homem que tentou proteger a esposa e o filho, uma criança. A mulher foi estuprada repetidas vezes e ameaçaram ferir o garoto, caso ela resistisse. Depois de consumada a violência sexual, queimaram a casa e mataram os cães de estimação da família. Denisova também recebeu a denúncia sobre uma garota de 16 anos que foi violada diante da irmã, de 25, no meio da rua. A defensora relatou à BBC que os militares russos gritavam: “Isso acontecerá a toda prostituta nazista”.

Os estupros seriam mais uma face de uma guerra que parece não poupar civis. “A Ucrânia é uma cena de crime”, declarou o britânico Karim Khan, procurador do Tribunal Penal Internacional (ou Corte de Haia), ao visitar Bucha. “A Ucrânia é uma cena de crime. Estamos aqui porque temos motivos razoáveis para acreditar que crimes que estão dentro da jurisdição do tribunal estão sendo cometidos. Temos que atravessar a névoa da guerra para chegar à verdade”, disse à imprensa durante a visita à cidade, onde foram encontrados centenas de corpos após a ocupação russa.

“Pedaço da verdade”

“Na condição de ucraniano e de ser humano, eu me sinto insultado e devastado pelos relatos

Alexander Nemenov/AFP



Moradora de Mariupol conversa com militar russo, no centro da cidade destruída pelos invasores: mulheres vítimas de barbáries

Ronaldo Schemidt/AFP



Homem abraça esposa em estação ferroviária de Donbass

que chegam de Bucha e de outros locais. Eu entendo que isso é apenas um pequeno pedaço da verdade. O mesmo acontece em outros locais sob ocupação russa. Sinto dor e desespero”, afirmou ao **Correio** o advogado ucraniano Oleksii Plotnikov, pós-doutor em direito e morador de Odessa. De acordo com ele, os crimes vistos durante a invasão russa podem ser considerados como uma indicação de genocídio. “Existe uma atmosfera de tolerância e de encorajamento da violência sexual contra o inimigo

na sociedade russa. Além disso, a escala da violência claramente perpassa o estupro ‘normal’. Não posso imaginar como violar uma garota de 9 anos até a morte possa ser algo sexualmente atraente para qualquer pessoa em estado mental normal. A crueldade dos casos registrados é chocante. Temos indicações de que o estupro tem sido usado como arma contra civis e como intimidação de toda a sociedade ucraniana.”

Ativista do Centro para Liberdades Civis, em Kiev, Oleksandra Matviichuk disse ao **Correio** que

Sergei Supinsky/AFP



Zelensky (D) com colega polonês, Andrzej Duda, que visitou Kiev

soubes de vários casos de violência sexual, depois de a ONG para a qual trabalha ter entrado em contato com vítimas diretas de estupro. “Mas nossos voluntários não estão preparados para lidar com casos tão sensíveis. Quando tomamos conhecimento dos casos de estupro, nós os transferimos para uma organização internacional que fornece assistência especializada às mulheres”, disse.

Segundo Oleksandra, a violência sexual é o crime mais oculto da guerra. “Tenho documentado crimes de guerra por oito anos. Vi

vários casos de mulheres que foram estupradas por homens que compartilhavam uma mesma cela. Quando eu conversava diretamente com elas, as vítimas omitiam o estupro, mas davam detalhes horríveis sobre a tortura”, acrescentou. Oleksandra confirmou que os soldados russos também têm estuprado crianças.

Por e-mail, Kenneth Roth, diretor executivo da ONG Human Rights Watch (HRW), explicou que a entidade documentou um caso de estupro e tomou ciência de outras denúncias de violência

» Trudeau admite termo “genocídio”

O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, disse que é “correto” descrever os ataques da Rússia na Ucrânia como um “genocídio”, somando-se ao presidente americano, Joe Biden, que usou o mesmo termo na véspera. “É absolutamente correto que cada vez mais gente fale e utilize a palavra genocídio em termos do que a Rússia está fazendo; do que Vladimir Putin fez”, disse Trudeau a jornalistas em Quebec. “Temos visto esse desejo de atacar civis, de usar a violência sexual como arma de guerra”, disse. “Isto é completamente inaceitável”.

sexual. “Até agora, vimos ocasiões do que poderia ser chamado de ‘estupro oportunista’”, comentou. Segundo ele, são necessárias mais evidências para identificar se o crime é usado de forma sistemática.

Também ontem, ao se encontrar com o colega ucraniano Volodymyr Zelenskyy, o presidente da Polônia, Andrzej Duda foi direto ao avaliar o conflito. “Isso não é uma guerra, é terrorismo. Se alguém envia aviões e soldados para bombardear zonas residenciais e matar civis, não é guerra. É crueldade, banditismo, terrorismo”, criticou.

Duda viajou a Kiev acompanhado dos presidentes Alar Karis (Estônia); Egil Levits (Letônia) e Gitanas Nausėda (Lituânia). Depois de qualificar a guerra do presidente da Rússia, Vladimir Putin, como “genocídio”, o líder americano, Joe Biden, telefonou para Zelenskyy e anunciou uma ajuda militar de US\$ 800 milhões (ou R\$ 3,7 bilhões) para a Ucrânia, a qual inclui veículos blindados, artilharia e helicópteros. Mais cedo, o Kremlin reagiu ao uso do termo “genocídio” por Biden, ao considerá-lo “inaceitável”.

“Espero que Putin seja condenado à morte”, desabafou ao **Correio** o jornalista Yevhen Kizilov, 46 anos, morador de Bucha cujo pai foi executado com um tiro na cabeça por soldados russos. “A Corte de Haia não comprou as mentiras de Putin sobre o massacre de Bucha”, disse.

Ameaça de bombardeio à capital

A Rússia ameaçou bombardear centros de comando em Kiev e acusou a Ucrânia de atacar posições militares em seu território. “Vemos tentativas de sabotagem e bombardeios das forças ucranianas contra posições no território da Federação Russa”, declarou o porta-voz do Ministério da Defesa russo, Igor Konashenkov. “Se isso continuar, os militares russos atacarão centros de tomada de decisão, inclusive em Kiev, o que os militares russos se abstiveram de fazer até agora”, acrescentou.

As forças ucranianas retomaram o controle da capital e sua região no fim de março, e a retirada das tropas russas deu lugar a imagens que comoveram o mundo, como as de dezenas de civis mortos na cidade de Bucha, nos arredores de Kiev. Desde então, a

Rússia concentra sua ofensiva no leste e no sul do país.

A ONU considera que “um cessar-fogo geral” com intuito humanitário “não parece possível atualmente” e segue esperando respostas de Moscou às propostas para a retirada de civis e o envio de ajuda humanitária às zonas de combate.

Navio

Um navio de guerra russo no Mar Negro foi “seriamente danificado” por uma explosão de munição, disseram agências estatais russas, depois que a Ucrânia alegou ter atacado a embarcação. “Devido a um incêndio, a munição explodiu no cruzeiro de mísseis Moskva. O navio foi seriamente danificado”, declarou o Ministério da Defesa.

Andrey Borodulin/AFP



Batalha estratégica por uma cidade quase arrasada

Igor Konashenkov, porta-voz do Ministério da Defesa russo, anunciou que a região do porto de Mariupol (foto), uma cidade estratégica do sudeste da Ucrânia, havia sido conquistada. Na segunda-feira, o líder dos separatistas pró-Rússia de Donetsk, que lutam ao lado do Exército russo em Mariupol, fez o mesmo anúncio. “Os remanescentes das unidades ucranianas e dos nazistas (do batalhão) Azov presentes na cidade estão bloqueados”, disse Konashenkov. As forças russas bombardeiam Mariupol há mais de 40 dias. O prefeito da cidade falou em 20 mil civis mortos. Conquistar Mariupol seria uma vitória importante para os russos, que consolidariam seus avanços territoriais na costa do Mar de Azov, unindo a região do Donbass com a Crimeia, anexada em 2014.